



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Gazeta de Piracicaba

Data: 02/12/2018

Caderno/Link: Capa e 6

Assunto: Presença feminina no agronegócio



MERCADO

PRESENÇA FEMININA NO AGRONEGÓCIO

PÁGINA 6

Pesquisa divulgada nesta semana mapeou a participação de mulheres na cadeia produtiva do agronegócio no Vale do Piracicaba (Agtech Valley), ecossistema tecnológico da região. Apesar dos avanços, elas ainda têm rendimentos e ocupações inferiores aos homens e convivem com problemas como preconceito.





Dentro da porteira: 'Meu negócio sempre foi trabalhar e estar em contato com boi', diz a veterinária Marta Borsato, de 32 anos

Mercado de trabalho

Mulheres no 'agro'

Pesquisa mapeou a participação da mulher no Vale do Piracicaba

MARCELO ROCHA

Da Gazeta de Piracicaba
marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

Cada vez mais as mulheres ocupam postos de trabalho nas fazendas, agroindústrias e centros de pesquisa e tecnologia ligados ao setor. Esse é o extrato de uma pesquisa, divulgada nesta semana, que radiografou a presença feminina na cadeia produtiva do agronegócio na região de Piracicaba. O perfil traçado pelo levantamento aponta que 40% delas têm entre 17 e 25 anos, que elas possuem boa formação acadêmica (37% tem graduação e 28% pós-graduação) e que a maioria (84%) se sente capacitada para os seus cargos. Contudo, ainda enfrentam barreiras na ascensão profissional, têm rendimentos e ocupações medianas e ainda convivem com o preconceito.

O estudo mapeou o protagonismo da mulher especificamente no denominado Vale do Piracicaba (Agtech Valley) - o ecossistema tecnológico da região que engloba centros de pesquisa e ensino, empresas, aceleradoras, hubs de inovação, incubadoras, cooperativas e produtores. A pesquisa foi apresentada na semana passada durante o 6º AgTech Day, evento setorial realizado na Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo (Coplacana). Produzido pela empresa Ello Agronegócios, o levantamento entrevistou 100

mulheres de Piracicaba que trabalham em diferentes empresas/instituições ligadas à agricultura.

A pesquisa aponta que 30% das mulheres do agropiracicabano ocupam postos em instituições de ensino e pesquisa, 29% em empresas de insumos e cooperativas, 15% na área de serviços, 8% na agroindústria, 2% em órgãos governamentais e somente 16% nas propriedades rurais, ou "dentro da porteira".

De acordo com o levantamento, grande parte delas (41%) atua em grandes empresas (com mais de 100 funcionários) ou propriedades (com mais de 15 hectares). Empresas e propriedades de médio porte absorvem 34% do contingente feminino, enquanto que pequenas empresas/fazendas empregam 25% das profissionais do agro. No universo pesquisado, 58% são solteiras, 63% não têm filhos e 34% residem na casa da família.

A veterinária Marta Borsato, 32 anos, trabalha como coordenadora do Boitel, área de confinamento de gado instalada dentro da Unidade de Grãos da Coplacana. "Meu negócio sempre foi trabalhar e estar em contato com o boi. Mas tive que mostrar trabalho, o reconhecimento profissional não foi de cara", conta. Para ela, é visível o aumento da participação da mulher no agro. "Mesmo porque, acho que as mulheres têm um olhar mais cuidadoso e carinhoso com o negó-

cio, com o trabalho", analisa.

Na opinião da coordenadora do Boitel, porém, ainda existe um pouco de machismo e preconceito no setor. "Ah, tem sim! Mas é um ou outro. Existe cliente que chega e fica com receio de falar comigo e, então, prefere falar com os meninos, que são os vaqueiros que me ajudam lá no confinamento", relata.

"Eu não escolhi o agronegócio, mas a vida me levou a trabalhar nesse setor. Até os quatro anos de idade, vivi no sítio, onde meus pais trabalhavam com pecuária de leite. Meus avós também são produtores. Hoje, meu pai está em outra área, mas ainda trabalha um pouco com agricultura (cana)", relata a jornalista Alessandra da Paz, 33 anos, que atua no mercado agropecuário. "Quando entrei na faculdade, surgiu um estágio na área de análise de mercado de pecuária, e eu aceitei. Depois de formada, fui trabalhar na assessoria de imprensa, da mesma instituição, mas agora trabalhando com pecuária e também com agricultura. Eu sou, de fato, muito feliz e satisfeita com a minha vida profissional", acrescenta a coordenadora de comunicação do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da Universidade de São Paulo (USP).

SALÁRIOS E CARGOS

A pesquisa da Ello ainda indi-

NÚMERO

41%

das mulheres

entrevistadas na pesquisa estão empregadas em grandes empresas e/ou propriedades rurais

ca que 35% das entrevistadas têm salários de até R\$ 2 mil, enquanto que 32% recebem entre R\$ 2 mil e R\$ 5 mil e uma parcela de 19% possui rendimentos entre R\$ 5 mil e R\$ 8 mil.

Quanto à função profissional, 35% são funcionárias, 19% proprietárias ou sócias de negócios, 16% possuem cargos de diretoras, gerentes, coordenadoras e administradoras, 6% são pesquisadoras, 5% autônomas, 17% estagiárias e 2% são consultoras e/ou professoras.

BARREIRAS

Formas de assédio e preconceito ainda são "barreiras na ascensão profissional" das mulheres, informa o estudo.

Entre as 100 mulheres ouvidas pela pesquisa, 29% informaram que sofreram algum tipo de assédio moral e 11% já foram vítimas de assédio sexual. E 61% das entrevistas disseram que sofreram com o preconceito quanto ao gênero. "Apesar das dificuldades, o protagonismo feminino no agronegócio é cada vez mais evidente", conclui a pesquisa.

